

A Construção do Afeto na Educação

*Arlete Maria de Carvalho*¹
*Moacir Alves de Faria*²

Resumo

O afeto é um ingrediente na educação atual para um ensino-aprendizagem digno, onde através do relacionamento entre diretores, professores, alunos e pessoal administrativo das escolas, o educando se motiva e interessa pelo conhecimento. Através do afeto, o educando adquire todas as condições necessárias para se sentir seguro e protegido. Assim, para que tenha um desenvolvimento saudável e adequado dentro do ambiente escolar, e no social, é necessário estabelecer relações positivas, para se atingir os objetivos educativos.

Palavras-chave: afetividade, aprendizagem, relações interpessoais, desenvolvimento.

1. Introdução

Este artigo trata da importância da afetividade para os educandos de todas as idades, por entender que o indivíduo que é tratado com afeto, transforma-se em um ser humano capaz de enfrentar os problemas durante toda sua vida. Torna-se uma pessoa mais solidária, mais centrada. Nesse contexto observa-se também que o educador tem que fazer sua parte, estando emocionalmente equilibrado, para poder intervir nos conflitos que surgem em sua sala de aula. Nesse caso, comenta-se também sobre a importância do relacionamento de respeito e justiça.

A transformação da realidade, na qual vivemos hoje, pressupõe a formação de personalidades autônomas e críticas, capazes de respeitar a opinião dos demais e, de defender os próprios direitos. Ao mesmo tempo, de participar das decisões quanto ao tipo de desenvolvimento sócio-econômico que deseja para si e para a humanidade.

Antigamente o desenvolvimento do afeto e da inteligência eram temas abordados apenas no campo da psicologia, com a evolução dos conceitos sobre educação, esses conceitos subiram no topo das prioridades para um ensino-aprendizagem digno.

¹ Aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Nove de Julho – UNINOVE.

² Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba. Professor Orientador.

Este artigo tem como tema: *“a construção do afeto na educação”*. Trata-se da importância de se atentar para a qualidade de relações que se estabelecem entre professores e alunos e entre professores e as demais equipes da Escola.

A grande diferença hoje em educação é que cada vez mais percebamos que não adianta apenas o professor ter um belo discurso, repetindo outros autores ou estabelecendo palavras de ordem, se elas não vierem acompanhadas de uma ação prática e concreta.

Justifica-se o tema por entender que a presença do afeto entre professores e alunos faz peso em seu relacionamento e, interfere, positivamente, no desempenho do aluno.

O problema aqui a ser estudado é: que importância deve ser dada à afetividade no processo-aprendizagem?

Pressupõe-se que uma educação que tenha como objetivos o ensino e a aprendizagem também deva trabalhar, na escola, os sentimentos pessoais e interpessoais, não como um simples complemento, mas como uma finalidade de estrutura curricular, podendo exemplificar uma nova maneira de conceber a educação.

Objetiva-se, com este artigo, destacar a importância da afetividade (professor-aluno) no processo de aprendizagem, refletindo de que forma os afetos, sentimentos e sensações do aluno podem interagir com a aprendizagem e, ao mesmo tempo, de que maneira a aprendizagem dessas práticas contribui para a construção de bons relacionamentos no contexto escolar. E ainda, a contribuição do afeto para o desenvolvimento da personalidade e comportamento do aluno.

Enfim, auxiliar no debate da análise acerca do papel dos educadores, considerando que para agir de forma positiva é necessário levar em conta também as suas próprias necessidades.

A sala de aula é espaço rico para o desenvolvimento da inteligência intrapessoal. O professor pode contribuir, estimulando a reflexão sobre posturas, atitudes e condutas, ajudando a identificar valores e crenças indispensáveis ao comportamento ético, responsabilidade e respeito necessários à vida em sociedade. (BOM SUCESSO, 2000, p.103).

O afeto é muito importante para que um professor seja considerado eficiente e, é muito importante para o aluno sentir-se importante, valorizado. O professor deve conhecer os alunos, sua família, a comunidade, analisar a escola onde trabalha, assim como reconhecer tudo o que se apresenta como problema. Aí entra o afeto, reconhecer

os alunos como indivíduos autônomos, com suas diferenças, com suas frustrações, preconceitos e discriminações existentes, para poder trabalhar com ações diretas. Os professores devem entender seus sentimentos, buscar ações para as diversas dificuldades que os alunos apresentam, enfim, preocupar-se com o aluno por inteiro, tendo sensibilidade para entendê-lo. Buscar ações que o valorizem, independente de seu grau de desenvolvimento.

Assim, as escolas devem oferecer todos os recursos necessários para isso. O ser humano tem uma base comum: inteligência, emoção e afetividade. E tudo é educável, construído. Estratégias como atividades individuais, em grupos, com e sem adultos; atividades de concentração, de folia, de fantasia; atividades para diversos movimentos, propiciando a emersão de todas as dimensões humanas, de acesso a situações e informações diferentes daquelas que as crianças têm em casa e/ou terão na escola, destacando principalmente o direito à vida, educação, saúde, brincadeira, enfim, o direito à infância. Os alunos devem aprender a questionar, criticar, participar e criar.

O artigo está fundamentado em um levantamento bibliográfico sobre a temática, a partir das obras de autores que tratam do assunto. Entre eles estão educadores e psicólogos.

2. Revisão Bibliográfica

Segundo La Taille *et al* (1992), o biólogo e epistemólogo suíço Jean Piaget (1896-1980) foi um dos primeiros autores que questionou as teorias sobre a afetividade e a cognição como aspectos funcionais separados. Segundo Piaget *et al* (1995, p. 37) elas são inseparáveis, pois, defende que toda ação e pensamento comportam um aspecto cognitivo, representado pelas estruturas mentais, e um aspecto afetivo, representado por uma energética, que é a afetividade. Ou seja, “a afetividade constitui aspecto indissociável da inteligência, pois ela impulsiona o sujeito a realizar as atividades propostas”. Segundo o autor, “os educandos alcançam um rendimento infinitamente melhor quando se apela para seus interesses e quando os conhecimentos propostos correspondem às suas necessidades”.

La Taille *et al.* (1992) também cita Vygotsky (1896-1934) como defensor das teorias, como sendo inseparáveis, pois, segundo ele, as emoções integram-se ao funcionamento mental geral, tendo uma participação ativa em sua configuração.

A emoção, segundo Vygotsky (1998, p. 61), não é vista como algo natural da criança, que nasce com ela ou que faz parte da sua natureza enquanto espécie. Ele admite que a manifestação inicial da emoção seja parte da herança biológica. Entretanto, a emoção nas interações sociais perde seu caráter instintivo para dar lugar a um nível mais complexo de atuação do ser humano.

De acordo com Piaget (1979, p.31), não se configuram estados afetivos sem a participação dos elementos cognitivos, assim como também não existem comportamentos puramente cognitivos.

A visão de Piaget "... pode ajudar a construir uma compreensão mais realista das crianças e de como elas constroem o saber, com também da influência da afetividade e da atividade social sobre o desenvolvimento". (WADSWORTH e ROVAI, 2000, p.104).

Segundo Ballone (2000):

"A afetividade é quem dá valor e representa nossa realidade. Essa afetividade também é capaz de representar um ambiente cheio de gente como se fosse ameaçador, é capaz de nos fazer imaginar que pode existir uma cobra dentro do quarto ou ainda, é capaz de produzir pânico ao nos fazer imaginar que podemos morrer de repente".

O papel do professor passa a ser, então, de um eterno pesquisador, buscando incansavelmente novas formas de ensinar, estudando como seu aluno constrói seus conhecimentos e como a afetividade pode funcionar de forma positiva na formação de indivíduos criativos e transformadores. A questão do tipo de relações afetivas existentes na classe, o vetor que remete para a qualidade de interação.

Wallon (*apud* La Taille *et al*, 1992), atribui à emoção um papel fundamental no processo de desenvolvimento humano. "Quando nasce uma criança, todo contato estabelecido com as pessoas que cuidam dela, são feitos via emoção".

O autor, portanto, propõe a psicogênese da pessoa completa, ou seja, o estudo integrado do desenvolvimento. Segundo ele, as etapas do desenvolvimento são descontínuas, marcadas por rupturas, retrocessos e reviravoltas, ou seja, durante o processo de constituição do psiquismo, cognição e afeto vão construindo-se reciprocamente, num permanente processo de integração e diferenciação.

Wallon (*idem*), em sua teoria da emoção, considera afetividade e inteligência fatores sincreticamente misturados, e defende que a educação da emoção deve ser incluída entre os propósitos da ação pedagógica.

Esse estudioso analisou que no início da vida, a afetividade se sobressai. Ele coloca grande importância na afetividade, e reafirma sua teoria, ao dizer que:

“ela incorpora de fato as construções da inteligência, e, por conseguinte tende-se racionalizar. As formas adultas de afetividade, por esta razão, podem diferir enormemente das suas formas infantis”. (DANTAS *apud*, LA TAILLE, 1992, p. 90)

Como se percebe, a afetividade é de suma importância desde o início do desenvolvimento humano. Tudo vai acontecendo de acordo com o seu meio e com as pessoas à sua volta.

Para La Taille et al. (1992), “na psicogenética, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento”. Para este pensador, a emoção ocupa o papel de mediadora.

O processo de ensino se dá a partir da realidade cultural e social dos alunos e professores, bem como de suas condições humanas e de trabalho. Sendo assim, esse desenvolvimento tem que ser realizado nas interações entre todos: diretores, professores, pais, alunos e servidores administrativos, cujo objetivo tem que estar voltado não só para a satisfação das necessidades básicas, como também para a construção de novas relações sociais, com o predomínio da emoção, acompanhado do afeto, sobre as demais atividades.

La Taille (*idem*, p. 114) explica que na teoria de Wallon, tanto a emoção quanto a inteligência são importantes no processo de desenvolvimento da criança, de forma que o professor deve aprender a lidar com o estado emotivo da criança para melhor poder estimular seu crescimento individual.

Não existem receitas sobre a melhor forma de administrar os conflitos que surgem, mesmo porque isso vai depender do equilíbrio, maturidade e sabedoria de cada um. Mas essa sabedoria pode ser aprendida. Isso levando em conta os dois lados, professor e aluno.

Moreno (1999, p.13) é a favor de uma educação mais humanista, condizente com a luta para construir no Brasil uma sociedade mais justa, democrática e solidária. E, para isto deve-se saber atuar com justiça nas diferenças de interesses entre os vários segmentos. É importante ainda evitar que os conflitos caiam para o campo pessoal e do desrespeito.

Segundo Antunes (2000, p. 20), todas as relações familiares e profissionais devem ser envolvidas pela afetividade, em todas as idades ou nível sócio-cultural. A

relação aluno-professor se equilibra e constrói-se mais intenso afeto, fazendo com que nas decisões e ações, o afeto tenha peso.

Rossini (2002) destaca que “as crianças que possuem uma boa relação afetiva são seguras, têm o interesse pelo mundo que as cerca, compreendem melhor a realidade e apresentam melhor desenvolvimento intelectual”.

“A afetividade denomina a atividade pessoal na esfera instintiva, nas percepções, na memória, no pensamento, na vontade, nas ações, na sensibilidade corporal, ela é componente de equilíbrio e da harmonia da personalidade”. (ROSSINI, 2002, p. 21)

Ainda de acordo com Rossini (idem), “o desenvolvimento da afetividade pressupõe em um trabalho baseado em três alicerces (ou pontos básicos): limites, mitos do cotidiano e ritmos”.

3. O Afeto no Relacionamento entre Professores e Alunos

Como já se destacou anteriormente, na teoria de Jean Piaget, o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: o cognitivo e o afetivo. Ou seja, paralelo ao desenvolvimento cognitivo está o desenvolvimento afetivo. Afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções em geral.

O afeto deve estar presente na relação entre professor e alunos dentro da sala de aula e mesmo nas atividades fora dela. É de acordo com o grau de afeto apresentado entre as duas classes que a interação se realiza e constrói-se um conhecimento altamente envolvente.

O ambiente também traz a vontade ou não de aprender. Portanto, deve-se pensar também no espaço oferecido para os alunos. Um ambiente descontraído, com cores e decorações para criar um ambiente de aceitação, é o ideal.

Todas as escolas recebem crianças com problemas de auto-estima baixa, tristes, com dificuldades de aprendizagem, que não interagem com as outras crianças e, conseqüentemente, são rotuladas com alguns adjetivos como: complicadas, sem limites, sem educação. Essas crianças geralmente têm problemas de afeto e isso pode ser trabalhado pelos professores.

Nesses casos, a escola, através de seus educadores, deve proporcionar um ambiente tranqüilo e acolhedor no sentido de amenizar a angústia do educando diante das situações, deixando-os mais à vontade, mais seguros, mais livres.

Bolívar (2002, p. 220) afirma que os alunos reivindicam "professores que exerçam sua autoridade com firmeza e tolerância, que os ajudem e orientem e os tratem com cordialidade e afeto. Desse modo, os papéis de professor e aluno passam a ser mais complementares, em uma relação paritária".

Franchi (apud Fazenda, 1995, p. 207) demonstra preocupação com o entendimento da interdisciplinaridade e o reconhecimento da importância de respeitar as dificuldades dos alunos e a necessidade de conhecer sua história de vida a fim de tornar-se parceiro e compartilhar afeto, entendimento, confiança e alegria.

Quando acontece o clima de afeto e compreensão está se formando uma relação facilitadora e, através de um ambiente repleto de afeto, o professor eleva a auto-estima do educando com o objetivo de proporcionar seu pleno desenvolvimento cognitivo e social.

A confiança é tudo para os alunos. Faz com que seja uma ferramenta para a participação no sucesso e na conquista de seu educando. O professor é o referencial, o líder, o que orienta e auxilia o aluno em suas atividades, seus sonhos e projetos. Por outro lado, o professor também cresce e se realiza quando percebe que conseguiu passar todo o ensinamento para o aluno de uma forma tranqüila, com amizade e serenidade, sem castigos, sem punições. O professor tem que estar apto para construir, se dedicar aos alunos, vibrando com suas conquistas.

4. A Afetividade e sua Influência na Aprendizagem da Criança

Entende-se aqui que o enorme volume de informações, no mundo atual, está mudando a forma de ensinar, exigindo, dessa forma, que os educandos tenham a possibilidade de obter o conhecimento de uma forma mais motivada, crítica e criativa, com ambientes mais descontraídos, mais amigáveis, tendo como fator essencial a afetividade no ato de aprender e desenvolver o pensamento crítico reflexivo.

Segundo Piaget (1979, p. 32), com suas capacidades afetivas e cognitivas expandidas através da contínua construção, as crianças tornam-se capazes de investir afeto e ter sentimentos validados nelas mesmas. Elas estabelecem vínculos afetivos com os colegas, e aos poucos com os professores e outros profissionais da educação que estão à sua volta. Acabam assim, expressando os seus saberes e os seus

questionamentos, podendo analisar os pensamentos dos seus colegas, desenvolvendo suas próprias idéias.

Lucckesi (1984, p. 213) completa:

O desenvolvimento do educando pressupõe o desenvolvimento das diversas facetas do ser humano: a cognição, a afetividade, a psicomotricidade e o modo de viver. Educação tem que ser não o que pensar, mas sim como pensar. Para que isso ocorra com nossas crianças devemos propiciar um ambiente alegre, feliz e que possui um espaço para dialogar, discutir, questionar e compartilhar saberes. Onde há espaço para a construção do conhecimento significativo.

Segundo o filósofo Kant (apud Aquino, 1996, p. 115), a disciplina é condição necessária para o desenvolvimento do homem. Deve servir para ensinar a criança a controlar seus impulsos e afetos. Na escola deve ser alfabetizada e ao mesmo tempo humanizada.

Em famílias desestruturadas, em que há falta de afeto, as crianças apresentam-se arredias e carentes, com a auto-estima muito baixa. No entanto, depois de um tempo, quando percebem que os professores se importam com elas, baixam sua guarda e deixam-se levar com muita facilidade. (COSTA, 2001, p. 90)

Nesse aspecto, a auto-estima também mantém uma estreita relação com a motivação ou interesse da criança para aprender. Tendo afeto, a criança apresenta melhor aprendizagem, mostra motivação e melhor a disciplina, o que pode se considerar como conquistas significativas. “O pensamento tem origem na esfera das motivações, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulso, afeto e emoção” (VYGOTSKI, 1998, p.76).

Quando há ausência de reações a demonstrações de afeto ou elogios de pais e professores, surge o impedimento de as crianças procurarem aprender para agradar pais ou professores.

No entanto, o professor também merece grande atenção. Ele também precisa regatar a auto-estima, autonomia e recursos para desenvolver o seu trabalho de forma eficiente. Deve constar em seu cardápio sentimentos de afeto, ternura, compreensão, doação e aceitação e, para isso ele também tem que ter uma assistência, onde receba tudo isso e mais um pouco.

Todos os professores apresentam-se no subconsciente do aluno como modelos. O aluno geralmente os vê como seres superiores e procura imitá-los, portanto, é

influenciado pelos relacionamentos desenvolvidos na escola, nos quais a figura do professor é sem dúvida a mais destacada.

Uma criança que gosta do professor vai procurar agradá-lo, isso faz com que ele consiga assimilar o aprendizado de uma forma mais clara e com mais interesse. Nessa linha de raciocínio, diz Piaget que (1979, p. 33), “é o interesse e, assim, a afetividade que fazem com que uma criança decida seriar objetos e quais objetos seriar”. Vale lembrar que todos os objetos de conhecimento são simultaneamente cognitivos e afetivos, e as pessoas, ao mesmo tempo em que são objeto de conhecimento, são também de afeto, segundo explicação do próprio autor.

Piaget incorpora em seu trabalho os valores que acredita terem relação entre a afetividade e a cognição. Ele considera que estes surgem a partir de trocas afetivas que o sujeito realiza com o exterior, com objetos ou pessoas. Eles surgem dos sentimentos sobre os objetos, que depois se organizam, gerando o sistema de valores de cada sujeito.

Vygotsky (1993, p. 79) distinguia, no significado da palavra, dois componentes: o "significado" propriamente dito (referente ao sistema de relações objetivas que se forma no processo de desenvolvimento da palavra) e o "sentido" (referente ao significado da palavra para cada pessoa).

5. Considerações Finais

Este artigo teve como tema: “a construção do afeto na educação”, mostrando que a afetividade é a mistura de todos os sentimentos, e que aprender a cuidar adequadamente de todas essas emoções é que vai proporcionar ao sujeito uma vida emocional plena e equilibrada.

Entende-se que todas as relações, quer sejam familiares, profissionais ou pessoais, devem ser permeadas pela afetividade, e esta pode ser legitimada por todos, em qualquer faixa etária e em qualquer nível social e cultural.

A maneira de entender o aluno é em grande parte condicionada pelas impressões que o professor traz da infância; pela maneira como foi compreendido e amparado quando criança. Essas vivências juntamente com o estudo e a reflexão crítica sobre o discurso teórico da educação ampliam, em extensão e profundidade, a consciência de como atuar em sala de aula. Se o professor teve uma infância cheia de afeto essa atuação será, claramente, mais fácil. Isso não quer dizer que um professor que não teve esse afeto quando criança, não possa transmitir esse sentimento. No

entanto, será mais difícil, pois o indivíduo se torna mais aberto à sua experiência, motivo pelo qual é necessária a preparação de todos os professores a partir do Magistério para um relacionamento compensador para ambas as partes.

Como o afeto permeia o relacionamento, é necessário que os professores se questionem, a fim de tomarem consciência necessária da importância desse afeto, para buscar recursos de melhoria nesse sentido. Um dos grandes problemas nesse binômio professor-aluno é a resistência que o professor encontra em assumir sua parcela de contribuição, no desgaste da relação com o educando.

Os desafios da profissão de educador são manter-se atualizado sobre as novas metodologias de ensino e desenvolver práticas pedagógicas mais eficientes, além de concluir o Magistério ou a Licenciatura que são apenas etapas do longo processo de capacitação. O que se abordou neste artigo foi a nova prática pedagógica relacionada com a importância do afeto nas salas de aula, na escola.

O conhecimento alcançado em relação à presente pesquisa compreende estudo de grande importância para a atuação junto a alunos e professores. A pesquisa abre leques para a busca de novas informações, pois muitas vezes só a teoria não é suficiente para suprir a necessidade que se tem em conhecer cada vez mais como ocorrem os fatos diante das relações humanas.

As necessidades de amor e afeto precisam ser atendidas para a chama da motivação crescer. Os alunos sentem quando o professor gosta de verdade de cada um deles e isso os estimula a aprender e a crescer.

Percebe-se que os professores, ao lidarem com a formação de seres humanos, trabalham com os aspectos cognitivos e afetivos e isso exige uma diversificação de atitudes para atender às diferentes demandas escolares e sociais.

O professor tem que ter uma formação permanente para poder trabalhar com todo tipo de alunos, não ser levado por aparências, rótulos e julgamentos, possibilitando a transformação da prática educativa.

O ato de repensar o papel do educador implica em rever o papel de professor, diretor e o papel social da escola, buscando respaldo em várias áreas e na própria vida onde o conhecimento não se estabelece, mas se constrói no dia-a-dia, que muitas vezes é banalizado, como se fosse somente mais um dia.

Os professores com estratégias bem definidas são essenciais para que o aluno desenvolva afetos e conseqüentemente interesse em aprender. Isso faz com que os

educandos sintam-se resolvidos para encarar a vida, dominar problemas e desafios novos, levando-os à autoconfiança e auto-estima.

Assim, para que a criança tenha um desenvolvimento saudável e adequado dentro do ambiente escolar, e conseqüentemente social, é necessário que haja um estabelecimento de relações interpessoais positivas, como aceitação e apoio, possibilitando assim o sucesso dos objetivos educativos.

Portanto, segundo Dewey (1971, p.54) o conhecimento deve ser construído com base em relações sociais significativas, promovendo-se a curiosidade e a criticidade, utilizando ações também compartilhadas, valorizando as emoções, a afetividade, a sensibilidade e a inteligência reflexiva dos educandos.

A criação de ambientes propícios ao ensino-aprendizagem pode depender do direcionamento, posicionamento e orientação do professor para comportamentos e valores humanistas.

Deve-se trabalhar o equilíbrio entre inovação e tradição. Mesmo sendo difícil, essa mudança é necessária. Recria-se o tradicional buscando-se diferentes métodos de trabalho, mas sempre partindo de uma análise individual e coletiva das práticas.

Sem o fator afetivo na relação professor-aluno, corre-se o risco de se trabalhar com a construção do real, do conhecimento, deixando de lado o lado humano, que constitui o sujeito com seus valores e caráter para seu desenvolvimento.

O amor, o afeto é a chave para a educação. Os professores devem valorizar o aluno, dando amor, afeto, carinho, que leva à auto-estima. Dar meios, elementos, para que os alunos resolvam os problemas, encontrem soluções, enfrentem desafios.

Enfim, compreende-se que a educação é dinâmica e provocadora de reflexões, portanto, o professor deve acompanhar esse processo de mudanças e reflexões, na busca de novos conhecimentos, novos desafios e novas conquistas e através do afeto criar laços de múltiplas aprendizagens.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, C. **A construção do afeto**. São Paulo: Augustus, 2000.

AQUINO, J.R.G. **Indisciplina na escola, alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

BALLONE, GJ. **Afetividade**. **PsiquWeb psiquiatria geral**. 2000. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/afeto.html>> Acessado em 11/03/2010.

BOLÍVAR, A. (org.). **Profissão de professor: o itinerário profissional e a construção da escola**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BOM SUCESSO, E.de P. **Afeto e limite**. Rio de Janeiro: Dunya, 2000.

COSTA, A. C. G. da. **Pedagogia da presença: da solidão ao encontro**. 2 ed. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001.

DEWEY, J. **Experiência e educação**. São Paulo: Nacional, 1971.

FAZENDA, I. C. A. **A academia vai à escola**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

LA TAILLE, Y. de et al. Piaget. **Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

LUCKESI, C. C. **Elementos para uma didática no contexto de uma pedagogia para a transformação**. Conferência Brasileira de Educação, 3. Niterói, 12 a 15 de out. de 1984. Simpósios. São Paulo: Loyola, 1984. p. 202-217.

MORENO, M. et al. **Falemos de sentimentos: A afetividade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna, 1999.

PIAGET, J. **Aprendizagem e Conhecimento**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979.

PIAGET, J. et al. **Abstração reflexionante. Relações lógico-elementares e ordem das relações espaciais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia afetiva**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WADSWORTH, B.J; ROVAI, E. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. São Paulo: Pioneira, 2000.